



CARÍCIAS

O ser humano na sua complexidade pode demonstrar seu afeto pelo outro de diversas formas. Alguns gostam de beijar, outros de acariciar, abraçar, sorrir, presentear, etc.

O curioso é como o outro, o receptor, percebe e/ou recebe essas demonstrações de afeto. Estamos sempre insatisfeitos. Insatisfeitos com o emprego, porque não gostamos do chefe, do salário, dos colegas ou dos poucos desafios encontrados.

Insatisfeitos com o corpo. Alguns desejam ser mais magros, outros mais gordos, mais musculosos, mais bronzeados, mais brancos, com cabelo liso, cabelo crespo, olhos claros, olhos escuros e por aí vai.

Insatisfeitos com a casa, o carro, a moto, a televisão, o sapato novo, a bicicleta, seja lá o que for. Sempre falta alguma coisa.

E por que não, insatisfeitos com o amor?

Freud, na sua infinita sabedoria, já dizia que o amor é uma das formas que o ser humano encontrou para superar o sofrimento.

Define: *“o amor, ou seja, o direcionamento das pulsões libidinais instintivas para um objeto adequado de geração de prazer, como uma das formas mais eficientes de minimizar a castração natural dos instintos, ou seja, minimizar o sentimento primordial de perda com o qual todos nós somos permanentemente obrigados a nos deparar para mantermos a chama de nossa complexa civilização acesa. Encontrar um parceiro pode ser muito eficiente para superar a frustração trazida pelo sentimento de incompletude inerente a cada ser humano, devido à própria ineficiência em atender aos nossos impulsos instintivos básicos – que, por sua vez, precisam ser controlados a fim de que exista sociedade, cultura, progresso, etc”*. (Freud, Sigmund. O mal-estar da civilização).

Para ele, não existe como satisfazer completamente o ser humano por muito tempo, porque somos fruto da castração dos instintos, provocada pela nossa necessidade de viver em sociedade. Ou seja, seremos sempre seres insatisfeitos.

Diante dessa constante incompletude humana, definida tão bem pelo pai da psicanálise, podemos chegar á conclusão de que nem sempre os agrados que fazemos ao outro são exatamente aquilo que ele ou ela esperavam receber. Por mais que se tente, infinitas vezes, é difícil acertar. É difícil que o outro sintam-se satisfeito com seu parceiro/a.

Mas não desanime, enquanto não acertamos, vamos tentando.

Esse é o jogo da vida, uma busca constante em tapar o “buraco” da insatisfação.

Taciara Szymczak

21/01/2006

Dourados, MS